

PATRIARCADO E REPRESENTAÇÃO FEMININA EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS

Letícia Ramos de OLIVEIRA – Centro Universitário Assis Gurgacz¹

Adriana BOEIRA – Centro Universitário FAG²

Suzana Ceccato CASAGRANDE – Centro Universitário FAG³

RESUMO: Este artigo possui como objeto de análise a obra “Grande Sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa, publicado em 1956. Dentre as tantas significações e ressignificações originadas a partir da obra do autor, uma em específico, inicialmente, motiva esta análise: muito antes da efervescência das atuais discussões relativas à gênero, sexualidade, e dos papéis sociais reservados historicamente à mulher, Guimarães Rosa apresenta Diadorim, jagunço guerreiro, que aprendeu, desde muito cedo, a não conhecer o medo. No romance, a impactante revelação de seu corpo de mulher para o leitor se dá apenas ao final da obra, logo após a sua morte. Nesse sentido, a construção da personagem Diadorim motiva discussões a respeito da representação da mulher na sociedade patriarcal do contexto do romance, posto que o fato de a personagem ter assumido uma identidade masculina foi justamente o método encontrado para sobre a sua sobrevivência nesse meio tão hostil para com a mulher.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher; Patriarcado; Sertão.

1 INTRODUÇÃO

A obra Grande Sertão: Veredas é uma das narrativas mais singulares da literatura brasileira e universal. A narrativa é tecida a partir das memórias de um ex-jagunço, Riobaldo, que apresenta sua relação com Reinaldo/Diadorim a um ouvinte anônimo. Apesar de revelar ao leitor as sutilezas de um bem-querer gradativo e constante por Reinaldo/Diadorim, o narrador preocupa-se em ocultar uma condição determinante de Diadorim: seu corpo de mulher. Assim, Riobaldo faz a opção de apresentar Diadorim como um jagunço guerreiro que jamais sente medo. No decorrer da obra, a constante opção por ocultar o corpo de mulher de Diadorim intensifica, para

¹ Aluna do curso de graduação Letras Português e Inglês, Centro Universitário FAG. 7º período. E-mail: leticiaramosoliveira00@gmail.com

² Especialista em Letras Português e Inglês, Centro Universitário FAG. E-mail: adrianasilva@fag.edu.br.

³ Doutoranda em Letras pelo programa de Doutorado em Linguagem e Sociedade da Unioeste; Professora no Centro Universitário FAG. E-mail: suzana.ceccato@gmail.com

o leitor desavisado, a possibilidade da homossexualidade de Riobaldo e a sua forte angústia diante disso.

O Sertão de Guimarães Rosa adquire também um olhar muito especial. Não se trata apenas de um cenário para uma narrativa. O Sertão é um local em que viver é algo “muito perigoso”. Devido ao contexto histórico e social do Brasil, o Sertão tornara-se um lugar regido pela própria barbárie. Era, portanto, um lugar de mortes, de muita violência. É nesse contexto que surge a figura do jagunço, certamente a única alternativa para homens que nascessem sem uma herança ou sem estrutura familiar. Em um ambiente tão rude, difícil inclusive para a existência de um homem, Guimarães Rosa aponta o quão inóspito seria a existência de uma mulher.

Portanto, para que Diadorim pudesse ter liberdade e a possibilidade de sobreviver, seu pai instruiu-a a, desde a infância, vestir-se como homem. No entanto, era preciso mais do que isso: era necessário o destemor tipicamente herdado como traço masculino. Por isso, a hipótese desta análise versa sobre o fato de que a personagem Diadorim é tão destemida, que para o leitor não se cogita a possibilidade de que ela seja, na verdade uma mulher.

Historicamente, as mulheres aprendem que a melhor maneira de se proteger é cultivando o medo. Diadorim nada teme, é audaciosa, bem como tem um temperamento bastante vingativo e violento. Para sobreviver no sertão, era preciso viver como jagunço, sem medo dos perigos existentes e com coragem para poder enfrentá-los quando fosse necessário.

Durante a narrativa, reafirma-se constantemente uma expressão que se transforma quase em um bordão para a obra: “viver é muito perigoso”. Realmente, em uma terra distante do comando de autoridades governamentais, o próprio ato de viver já demonstrava carecer de coragem.

Nesse sentido, o presente trabalho objetiva abordar traços da identidade de Diadorim, enquanto mulher. Mais do que observar a personagem sob o aspecto de uma mulher travestida em trajes masculinos, o que se pretende observar é como a sua construção impacta no modo de compreender a mulher em uma sociedade patriarcal.

Para tanto, é imperioso que se faça um estudo sobre o viés histórico do Brasil no momento histórico retratado na obra, momento este que demonstra boa parte do país controlado pelas oligarquias rurais e por uma enorme desigualdade social. Em tal sociedade, a mulher era o elemento essencial para a propagação da família, posto que sua função consistia em colocar filhos no mundo enquanto estivesse em seu momento de vida fértil.

Ao homem, era reservada a vida pública, a posse de terras, às lutas por território; à mulher caberia o papel de subserviência. Logo, a mulher, no patriarcado, ao mesmo tempo em que dependeria total e exclusivamente do jugo de um homem também estaria à revelia de todos os desmandos de uma sociedade eminentemente masculina e violenta.

Dessa forma, a partir de Grande Sertão: Veredas pretende-se estabelecer um comparativo sobre os papéis sociais reservados a homens e mulheres no processo de formação histórica do Brasil, bem como estabelecer características de Diadorim que denunciem as lutas de uma mulher do seu tempo por sobrevivência.

2 ANÁLISE HISTÓRICA DA MULHER NA SOCIEDADE BRASILEIRA PATRIARCAL

Inicialmente, o patriarcado tinha um sentido religioso, pois, antes do século XIX, designava os patriarcas, que eram considerados os chefes de família antes ou depois do dilúvio. Em seguida, passou a ser utilizado para se referir ao poder monárquico. Ou seja, o poder real era associado ao poder do pai sobre seus filhos. O patriarcado é um domínio de poder social centralizada no homem. É baseada na própria ideia de pai de família. E relaciona pedidos públicos e privados da vida social. É uma organização bastante comum na sociedade humana, mas é questionada por diferentes grupos da sociedade, em vários momentos da história, devido a pouca ou até mesmo nenhuma ação que impõe às mulheres. O patriarcado compara a biologia e a cultura, no sentido de diferenciar os papéis sociais apoiado em papéis sexuais.

Em geral os cargos de maior importância cultural são toda via destinados a homens, enquanto cargos de importância familiar são postos às mulheres.

Certos autores da sociologia brasileira ligam a formação da comunidade e do Estado brasileiro com as estruturas patriarcais, comparando com o patrimonialismo. A imagem do pai, do senhor de terras, é imensamente forte na sociedade a ponto de coordenar por séculos as dinâmicas sociais, econômicas e domésticas.

O debate feminista sobre patriarcado coloca, no centro da discussão, o poder do homem sobre a mulher existente também nas sociedades capitalistas contemporâneas. Nos sistemas patriarcais, as mulheres estão em patamar de desigualdade tendo uma série de obrigações em relação aos homens, tais como manter relações conjugais mesmo contra sua vontade, além de um grande controle sobre sua sexualidade e sua vida reprodutiva (AGUIAR, 2015)

Nesta ordem, todas as mulheres estão sujeitas a uma posição de inferioridade por sua posição ser vista como apenas um complemento do patriarca, destinadas somente a geração de filhos para o domínio daquele. A sina da mulher, nesta percepção é biológica, visto que a função social era apenas a construção da família.

Percebe-se que o patriarcalismo é uma estrutura social de poder que gera uma desigualdade entre homens e mulheres. Essa estrutura, porém, é construída social e historicamente e demanda o entendimento da igualdade entre pessoas para que se possa diminuir e apagar seus resultados negativos. O patriarcalismo envolve opressão e dominação social, por ideais que se perpetuam pela reprodução social inesperada.

Na introdução do livro, Beauvoir ressalta que o homem pode “persuadir-se de que não existe hierarquia social entre os sexos e de que, grosso modo, através das diferenças, a mulher é sua igual”. Essa igualdade abstrata nega a desigualdade concreta: salários mais altos, cargos e lugares mais importantes na indústria e na política. A igualdade de direitos precisa estar insociavelmente atrelada à igualdade de oportunidades materiais e simbólicas. Sendo a desigualdade simbólica ainda mais difícil de combater, já que ela envolve educação, hábitos, costumes e um sistema de coerção, dominação e exploração que beneficia os homens: “o presente envolve o passado e no passado a história foi feita pelos homens.” (LIMA, 2015, p.15).

O patriarcado valoriza o poder masculino e em oposição o feminino, os homens são considerados os únicos capazes de conduzir uma vida política, econômica, moral e social, por outro lado as mulheres eram fracas físicas e mentalmente e eram incentivadas a estarem sobre domínio dos homens.

2.1 REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA OBRA GRANDE SERTÃO: VEREDAS

Encontra-se no sertão de Guimarães Rosa, uma mulher bonita, valente e misteriosa. É intrigante perceber como a figura feminina vai sendo desvendada até o momento que de fato descobre-se que Diadorim é uma mulher. Essa revelação vem ao mesmo tempo, corroborar em uma sociedade patriarcal, sua posição de homem que sentiu uma mulher mesmo por baixo do disfarce que lhe escondia a feminilidade.

Ao analisar o *Grande sertão: veredas* embrenhar-se um espaço considerado masculino. Espaço que ainda mantém a imaginação em vários sentidos, por ter sido durante muito tempo, um lugar misterioso. Depois do descobrimento dos sertões, ainda se guardam as histórias e opiniões a respeito do lugar. A personagem Diadorim transcorre os espaços sertanejos junto a jagunços, lutando em nome daquele que seria o senhor do sertão, seu pai, Joca Ramiro. Diadorim é um personagem já velho e conhecido na literatura, uma jovem travestida de homem para lutar de pé de igualdade com os homens na guerra.

Diadorim para sobreviver no mundo considerado dos homens sem sofrer lesões, ainda que houvesse limite físico, deveria ser um deles. Por outro lado, o pai lhe impõe, desde a infância, a posição de homem com a justificativa de tê-la sempre ao seu lado, sem que ela sofresse os assédios sexuais dos jagunços. No início, Riobaldo se encontra com um menino por quem se sente imediatamente atraído, esse menino em certo momento lhe diz: “Sou diferente de todo mundo. Meu pai disse “que eu careço de ser diferente, muito diferente” (GSV, 2006, p. 109). Nesse momento indica a colocação de uma mulher que teve que ser homem, mesmo que isso representasse a negação de si mesmo.

O medo é um sentimento de muitos aspectos, presente nas noites escuras, sonhos e também nos sertões rosianos, característica do medo e da coragem faz com que até mesmo Riobaldo queira decifrar e entender qual a influência desses sentimentos em sua vida:

Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente. Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder. (ROSA, 2001, p. 116).

Riobaldo enxerga o medo como “um sentido sorrateiro fino” que toma diferentes direções (ROSA, 2001, p. 469). Já Diadorim é apresentado como alguém extremamente paciente, confiante, que não se deixa abalar pelos acontecimentos, que transmite calma e, mais do que isso, é alguém que aparenta não ter medo. Em Riobaldo o medo todo é constante, tremia; Diadorim se mostra confiante, sereno, firme nas situações difíceis, aparentando ser corajoso, Riobaldo questiona Diadorim de como era não ter medo:

Eu vi o rio. Via os olhos dele, produziam uma luz. – Que é que a gente sente, quando se tem medo?’ – ele indagou, mas não estava remoqueando; não pude ter raiva. – Você nunca teve medo?’ – foi o que me veio de dizer. Ele respondeu: Costumo não... – “e passado o tempo dum meu suspiro: – Meu pai disse que não se deve de Ter.” Ao que meio pasmei. Ainda ele terminou: – ...Meu pai é o homem mais valente deste mundo’. (ROSA, 2001, p. 122).

Pai de Diadorim orienta que o filho não pode ter medo, e ele não demonstra ter inquietação de nada. Para poder lutar e conquistar o seu espaço, o medo não deveria estar presente, mas sim a coragem de poder enfrentar os perigos que se tinha. Para sobreviver no sertão, Diadorim vivia como homem, os jagunços abusavam de mulheres quando as encontravam, a mulher no período patriarcal, como já dito antes, é vista apenas como um objeto de reprodução, consideradas apenas posse de homens, ao compreender a história, percebe-se que pai de Diadorim, tenta proteger a filha dos perigos que se tinha, a protege dos abusos sexuais e até mesmos psicológicos de uma sociedade patriarcal.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Momentos históricos, movimentos culturais e políticos e a religião influenciaram-se mutuamente, ditando como homens e mulheres deveriam agir desde o período colonial. Ao longo dos séculos, as desigualdades entre homens e mulheres assumiram formas diferentes, sendo necessário compreendê-las para que possamos intervir nessa realidade. As marcas do patriarcado permanecem na sociedade brasileira, pois mulheres continuam recebendo salários menores que os homens mesmo que ocupem os mesmos cargos e exerçam as mesmas atividades.

Em particular, destacamos a figura de Diadorim, buscando nesse personagem as manifestações literárias pelas expressões de feminilidade que lhe são associadas pelo narrador, protagonista da obra, Riobaldo.

O presente trabalho observa a personagem sob o aspecto de uma mulher travestida em trajes masculinos, o que se pretende olhar é como a sua construção impacta no modo de compreender a mulher em uma sociedade patriarcal. Em tal sociedade, a mulher era o elemento essencial para a propagação da família. Logo, a mulher, no patriarcado, ao mesmo tempo em que dependia total e exclusivamente do jugo de um homem, também estava à revelia de todos os desmandos de uma sociedade eminentemente masculina e violenta.

REFERÊNCIAS

LIMA, Daniela. **A mulher é um devir histórico**: rastros de Beauvoir no Brasil. 2010.
COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. Tecendo por Trás dos Panos - **A mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1994.

MILLER, Mary Susan. **Feridas invisíveis**: Abuso não físico contra mulheres. São Paulo: Summus editorial, 1995.

ROSA, Guimarães. **Grande sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
AGUIAR, Neuma. **Patriarcado, sociedade e patrimonialismo**. Sociedade e estado, v. 15, n. 2, p. 303-330, 2000. Acesso em: 16 abr. 2022.

THORPE, C. et al. **O livro da Sociologia**. São Paulo: Globo Livros, 2016.